

DREAM GIRLS (1993)

Kim Longinotto e Jano Williams

Duração: 50 minutos

Num misto de documentário de observação e narrativa, *Dream Girls* propõe uma incursão atenta e sensível ao universo das aspirantes a atriz da companhia de teatro feminina Takarazuka Revue (宝塚歌劇 *Takarazuka kageki*), fundada pelo industrialista e político Ichizō Kobayashi (小林一三, Kobayashi Ichizō, 1873–1957) em 1913. O teatro original que serve de sede da companhia localiza-se na prefeitura de Hyōgo, Japão Ocidental, tendo inaugurado uma segunda sala de espetáculos afiliada em Tóquio.

Kim Longinotto, cineasta britânica com vasta experiência na documentação das transformações da condição feminina e dos mais desfavorecidos ao longo do tempo e em diferentes territórios, acompanha o quotidiano das atuais e futuras atrizes da companhia Takarazuka na cidade homónima. A escola é apresentada como um lugar de treino e disciplina, mas também como plataforma para concretizar os sonhos de cada aspirante. As alunas que seguem carreira neste teatro podem tornar-se celebridades com um seguimento fervoroso e fiel, transpondo os moldes tradicionais de outras mulheres na sociedade japonesa, seja no entretenimento, no mundo corporativo ou no papel de mãe (dita o saber proverbial japonês que a mulher deve “guardar o lar” 女性は家を守る). Por outro lado, as jovens atrizes, cuja principal aspiração é assumirem o papel de protagonista masculino (男役 *otoko-yaku*) nos musicais da companhia (inversão do paradigma do teatro Kabuki, exclusivo aos homens, que almejam tipicamente o papel principal feminino, 女形 *onnagata*), são moldadas desde tenra idade tanto pelas exigências desta indústria implacável como pelos critérios escrupulosos da instituição.

No palco da companhia Takarazuka, o público (maioritariamente feminino) assiste a histórias de amor idealizadas, com príncipes sonhadores interpretados por mulheres dignas e elegantes. Fora do palco, as próprias atrizes são confrontadas com escolhas difíceis: continuarem a carreira, abdicarem da vida amorosa ou renunciarem à sua autonomia.

Longe de ceder à tentação do orientalismo exótico ou do voyeurismo, a realizadora escolhe o silêncio e a audição não-interveniente como centro do seu engenho narrativo: a câmara observa, não invade; transmite, não consome. Já a narração é feita num tom adequadamente formal, demonstrando o profundo respeito que existe no Japão pela centenária companhia, e meramente factual, mitigando, assim os possíveis efeitos adversos da presença externa e estrangeira dos realizadores, que poderia influenciar tanto os intervenientes como quem assiste.

Casando as abordagens documentais e jornalísticas com métodos quintessenciais do trabalho de campo antropológico, e ainda que com liberdades criativas na construção narrativa e

na exegese que a obra faz de si própria ao longo dos seus parques (mas sumarentos cinquenta minutos), *Dream Girls* concretiza uma façanha por muitos apetecida, mas raramente conseguida: um filme do Japão que não ousa ser o Japão inteiro. Não raro assistimos a filmes ou lemos livros que têm o Japão como palco ou objeto de estudo e que se propõe à ingrata empresa de condensar um país inteiro, diverso e com uma longa história em dezenas de minutos ou centenas de páginas (marca gritante do orientalismo exótico). Já *Dream Girls*, à imagem de outros documentários de Longinotto, tanto no Japão como noutros territórios, faz mais com menos: é um filme sobre um local específico (a escola da companhia) e num momento específico (a aprendizagem das jovens atrizes). O documentário providencia lições e conhecimento inestimáveis sobre um nicho da sociedade japonesa com o qual, à primeira vista, a maioria da população não teria qualquer experiência em comum.

Todavia, é precisamente porque *Dream Girls* parte do específico que podemos então generalizar e abrir a discussão aos grandes temas transversais à sociedade japonesa, neste caso, dos anos 90 e da Era Heisei (1989–2019). Dentre esses temas, destacam-se, nomeadamente: o sistema de educação rígido, determinístico e com saídas profissionais aparentemente definidas *a priori*; a originalidade celebrada quando produto da uniformização/domesticação social; a sede por escapismo artístico numa sociedade industrializada e com crescentes níveis de *anomie* (na aceção de Durkheim) após o fim do milagre económico japonês (as chamadas “décadas perdidas”).

Dream Girls (tal como indicado pelo uso do plural no título) sobressai também pela multiplicidade de vozes presentes, não se organizando em torno de uma única protagonista. São estas vozes ora hesitantes, ora assertivas, que urdem a tapeçaria narrativa do filme. Essa opção de descentramento é absolutamente fundamental: ao abdicar da centralidade de uma figura em particular, Longinotto permite que cada plano respire, dando espaço a nuances, contradições e conflitos que não encaixariam num percurso individualizado.

É igualmente ao nível das cenas que o descentramento se manifesta. A atenção desloca-se frequentemente do espetáculo para o bastidor, do momento da performance para as pausas, para o gesto interrompido, para a dúvida não resolvida. Deste modo, o filme torna-se um espaço de leitura das entrelinhas, seguindo a lógica japonesa de saber “ler o ar” (空気を読む).

Dream Girls não faz perguntas nem oferece respostas: ilumina, qual holofote no teatro, alumando espaços até então mergulhados na sombra. Acima de tudo, o documentário é um convite a abrimos os olhos, escutarmos atentamente e sonhar, mesmo que, por trás da cortina, os bastidores não sejam tão glamorosos quanto o palco em dia de espetáculo.

André Pinto Teixeira

Tradutor literário japonês-português

Japão Torna-Viagem 2025